

Evocação de Tomás Moro

A 6 de Julho de 1535, a cabeça de Tomás Moro, antigo vice-sheriff de Londres e chanceler da Inglaterra, ficou espetada numa ponte, para ali apodrecer e ser lançada nas águas do rio. Margarida, porém, a filha bonita do supliciado, falou ao guarda e conseguiu que depois lha entregassem. O antigo vice-sheriff conhecia os homens por dentro e sabia ainda mais que uma linha oblíqua, na base duma vertical, parece distanciar-se coisa nenhuma. Mas depois, separa-se cada vez mais, até lonjuras imprevisíveis. Previu isto para o povo inglês católico e deixou-se matar pela alma desse mesmo povo.

No entanto, Tomás Moro amava o rei e sentia-se inglês até à medula dos ossos, no seu humor, no seu bom senso londrino, na sua formação jurídica e até no conhecimento dos problemas comerciais. Inglês e vice-sheriff, capaz de fazer justiça e de intervir nos tumultos, não lhe repugnava, ao contrário de Erasmo, o suor empestado da plebe e dos frequentadores de tabernas. Era bom e via em quase tudo o seu aspecto cómico, até no chapéu velho que entregou antes de morrer: Desculpa, não levas grande coisa!

Aparentemente, este homem casado morria por causa da política. No fundo, morria em defesa da consciência e da família. O Estado não podia colocar-se acima de Deus e Henrique VIII invertia a ordem dos valores e impunha um absolutismo que atingia a própria alma. Por causa disto, muitas cabeças rolaram no mundo. Mas a de Tomás Moro tinha um valor especial: era a dum humanista de raça, dum humorista de primeira classe, do maior amigo de Erasmo, dum leigo que, sem frases estentóreas, deu uma lição de teologia e de coragem à maioria dos bispos ingleses. Os leigos, para atingirem a maturidade, não esperaram pelo Vaticano II. O contrário é que seria humilhante para a Igreja.

Tinha a sagacidade robusta dos juristas ingleses, sabia que o anti-clericalismo *sistemático* (e sublinho esta palavra) não é forçosamente

nenhuma heresia. Mas pode abrir-lhe o caminho. Por outro lado, sabia também que havia, na Cristandade, o direito de rir, mesmo em anedotas de tipo goliardo, onde às vezes entravam padres e frades. *Suavitas Mori*, escrevia Erasmo. A doçura de Tomás Moro! Sim, ele ria e sorria sem ódio. Era este o direito da velha Igreja Medieval, ainda não inibida pela Inquisição, pelas cautelas a ter na língua por causa dos protestantes e pela disciplina do Concílio de Trento.

Porém, Moro, Erasmo e Gil Vicente, ao menos no primeiro quartel de quinhentos, puderam respirar à vontade e continuar esse riso medieval, embora mais civilizado pelos humanistas, esse riso que a nós, agora, parece desordem e a alguns sabe a heresia.

Uma das maiores desgraças da Igreja foi ter havido nela (e fora dela) quem tentasse atirar, pela borda fora da Barca de S. Pedro, alguns dos maiores génios que nela seguiam, entre eles Erasmo. Pois bem, o que mais nos confirma na solidez do catolicismo de Erasmo, de feitio difícil mas severamente crítico (graças e Deus!), foi a amizade permanente que o uniu a Tomás Moro, de cujas graças também ele gostava e cujo saber admirava. Tomás Moro foi o único homem da Renascença com quem Erasmo conviveu longo tempo sem nunca se zangar com ele. O humanista inglês compreendia perfeitamente aquele génio mordaz e amargamente lúcido, de infância infeliz, frustrado na vocação e incapaz de criar raízes. A sagacidade no conhecimento dos homens e das suas questões, eis a qualidade n.º 1 da cabeça a sangrar depois na ponte sobre o rio. Nos tumultos do povo, nas demandas dos tribunais, na maneira de encarar a política inglesa, dava gosto escutar aquele homem que logo descobria o nó do problema.

O sentido do riso e do sorriso anda sempre unido ao gosto da conversa inteligente e da amizade que alegre e não pesa. *Moria*, em grego, significava loucura. E por isso dizia Tomás Moro de si mesmo que, pelo nome, via-se logo que ele era maluco. E foi pela semelhança entre *Morus* e *Moria* que Erasmo intitulou a sua obra *Moriae Encomion*. Elogio da Loucura! Claro que a dedicou a Tomás Moro. Eu gostaria de assistir às conversas destes dois grandes homens, ambos eles livres. Dois homens despreocupados? Não bem isso. Ninguém tão medularmente sério como um humorista de raça. E Tomás Moro era já humorista a partir do pai, John More: «Quem resolve casar-se, dizia ele, tem tantas probabilidades de acertar numa boa esposa como um cego de apanhar uma enguia num saco com sete

cobras». Pois bem, este homem de língua solta e amigo de gracejar casou alegremente três vezes. E sem ele, não teríamos Tomás Moro, de língua tão engraçada como a do pai, mas com temperamento de humanista. E casou duas vezes, depois de hesitar em ser franciscano ou cartuxo! O pai, julgo eu que não teve hesitações. Era um homem positivo. E quando o filho, já de 14 anos, frequentava Oxford e dava mostras de ser um bom helenista, ele, John More, foi lá buscá-lo. Que ali só perdiam tempo e que fosse mas é aprender o bom direito consuetudinário inglês, talvez tão importante para a Inglaterra como o Canal da Mancha.

Com uma liberdade digna de Gil Vicente mas que vinha da Idade Média, Tomás Moro dissera uma vez que havia frades a mais na Inglaterra. Quer dizer, frades sem vocação. A ele, levou-o Deus para a família e para os amigos, pois dera-lhe o gosto da convivência e esse carinho enorme que se revelaria dum modo extraordinário no seu amor por Margarida, a filha mais velha. Como lembrança, deixou-lhe, antes de morrer, uns pêlos do cilício que trazia — e foram estas e outras atitudes que o distinguiram de tantos humanistas do seu tempo. E aqui temos o grande mistério: Deste homem alegre e com um cilício vestido, escreveu Richard Pace que o seu pai era o Humor, e a sua mãe, a Alegria.

Dissemos nós que havia algo de medieval neste humanista risonho e livre, tão livre que morreu por dizer NÃO ao absolutismo totalitário que germinava em Henrique VIII. À frente da família e antes de se deitarem, rezava três salmos: *Miserere mei Deus; Ad te Domine levavi animam meam; e Deus misereatur nostri*. Vinha depois uma ave-maria, uma salve-rainha e o *De profundis* pelos mortos. À mesa, uma das filhas (eram três) lia pela Bíblia, com os comentários do famoso Nicolau de Lira, e Tomás Moro perguntava depois pela significação desta ou daquela passagem da Sagrada Escritura. Ficavam sérios até ao fim do almoço ou do jantar: Pelo contrário, julgo que sentiriam maior desejo de rir e brincar, como cachorritos a quem soltam a trela. Ele, Tomás Moro, tinha a arte de não ser pesado. E para mais, havia um bobo em casa, um bobo que nunca entendeu porque é que o patrão deixara que lhe cortassem a cabeça. A segunda mulher também não compreendeu.

Gostava de peregrinar a pé, aos santuários de Nossa Senhora. As filhas aprendiam grego e latim (pelo menos a mais velha sabia bem o grego) e quando diziam mal das mulheres letradas, ele respondia que também os letrados tinham defeitos e que S. Jerónimo,

séculos e séculos atrás, ensinava as suas discípulas a estudar a Bíblia. E que se perdera com isso? Gostava de examinar os costumes dos pássaros e as crianças divertiam-se com tudo. As crianças e os amigos, a quem ele mostrava um macaco, uma raposa, um furão e uma doninha. Aquilo era um museu, dizia Erasmo.

Neste homem, o que há de extraordinário é o seu humor em todas as situações boas e más. O seu humor e a sua capacidade de trabalho, pois o tempo chegava-lhe para tudo. Muito escreveu ele na Torre de Londres: «Long was I, Lady Luck, your serving man; / And now have lost again all that I got». Muito tempo eu fui, ó Dona Fortuna, o vosso criado. E agora, perdi outra vez tudo o que tinha!.

Humor, dizíamos nós, e amor desta vida. Nesta família tão religiosa, não apareceu um padre nem uma freira! Pertenciam todos à raça eterna e simpática da gente casada. Mas Tomás Moro ia ao essencial da existência humana. Pensava na morte e sorria da vida, enquanto dirigia os negócios do Estado ou escrevia os seus 13 volumes de obras diversas. E era o pensamento da morte que lhe dava uma liberdade magnífica e certa espécie de humor negro. Quando o Duque de Norfolk o avisou de que morreria, se não se curvasse perante Henrique VIII, ele só respondeu: «Bem, morrerei hoje e vós amanhã. Pequena diferença!» E noutro lugar: «Somos todos condenados à morte e vamos, noite e dia, para o lugar da execução. Eis o essencial».

Era isto que também o levava a despachar tudo com eficiência e a trabalhar duro, porque amanhã chegará a hora de Deus. Era tão rápido nos seus despachos, como vice-sheriff e chanceler do reino, que depois de ele ser posto de lado, os londrinos cantavam causticamente:

When More some time had Chancellor been
No more suits did remain.
The like will never more be seen,
Till More be there again.

No tempo em que Moro foi chanceler, nunca ficavam os processos empatados. Coisa assim nunca mais a veremos, até que Moro lá esteja outra vez!

A sua cordialidade tornara-se famosa na Europa, desde a Escócia à Hungria, pois teve de viajar em negócios do rei e dos comer-

cientes. E se não veio a Portugal, escolheu um português para descobrir a Ilha da Utopia.

Foi na sua casa que Erasmo compôs e lhe dedicou o *Elogio da Loucura*: «Erasmus Roterodamus Thomae Moro suo S. D.» Erasmo de Roterdão saúda o seu amigo Tomás Moro!

Na esteira deste género de literatura lúdica, por um lado, e séria por outro, Tomás Moro escreveria mais tarde a *Utopia* ou, se quiserem, a *Ilha de Nenhures*. Heitor Pinto traduz o *livro da cidade que não há*. Deste livro e da sátira que nela floresce, falaremos adiante. Por agora, apontaremos, por exemplo, a risonha anedota em versos latinos dos marinheiros e do monge, no meio duma tempestade no mar. Tudo isto é por causa dos nossos pecados!, pensavam os marinheiros. E confessaram-se logo ao monge, a ver se o tempo amainava. Mas a tempestade continuava furiosamente e os marinheiros disseram entre si: É por causa do monge, porque nós baldeámos para dentro dele todos os nossos pecados! E atiraram com ele pela borda fora.

A Inquisição não deixaria passar esta graça. O maior defeito, para mim, daquele venerando tribunal foi a falta do sentido do humor. E alguns estudiosos vicentinos de hoje e de ontem, se Gil Vicente contasse a tal história dos marinheiros e do monge atirado ao mar, afirmariam que a sua ortodoxia não era muito segura e que troçava da confissão. Permitam-me recordar ainda mais alguns ditos chistosos de Tomás Moro, para melhor compreendermos o seu feitio (e o feitio da Idade Média de quem ele tanto herdara). Nomeado *speaker* da câmara dos comuns, Tomás Moro não ajudou Wolsey a pedir mais dinheiro ao povo. E Wolsey, cardeal, observou-lhe mais tarde: «Quando vos nomeei *speaker* da câmara, seria melhor que estivésseis em Roma!». E Moro replicou: «Não se zangue Vossa Graça. Eu também preferia estar em Roma!». Naquele tempo, viver em Roma sempre era bem melhor.

A Inglaterra andava em guerra com a França. Henrique VIII foi visitar Tomás Moro à sua casa de Chelsea e passeava com ele no jardim: Que grande honra!, disse o genro de Tomás Moro. — «Claro, que grande honra! No entanto, se a minha cabeça valesse, para o rei, um castelo de França, eu ficaria certamente sem a minha cabeça!»

O seu bom senso robusto e perspicaz não se enganava acerca do rei e dos homens. Possuía agilidade mental e sangue-frio para

gracejar na hora da morte e até para gracejar da mulher: Porque casara ele com uma mulher pequenina? Ora! Do mal o menos!

Apesar disso, gostava dela, ensinou-lhe latim, canto e a tocar viola. E dela teve três filhas e um filho. Por sinal foi o genro quem escreveu, à maneira inglesa, a sua vida e morte, com muitos pormenores que revelam a sua maneira de ser. O seu heroísmo caracterizava-se pela sobriedade eficiente. Condenaram-no a ser enforcado. Porém, era grande a misericórdia do rei! No dia em que o deviam enforcar, Henrique VIII enviou-lhe Pope, a dizer-lhe que lhe perdoava a morte na forca. Que só lhe cortariam a cabeça. E ele, num sorriso: «Deus livre os meus amigos do perdão do rei!».

Deixou uma moeda de ouro para o carrasco e não fez discursos. Mal podia andar, pela humidade da enxovia em que adoecera, e não conseguia subir por si ao cadafalso, onde lhe cortariam a cabeça e o corpo escorregaria para baixo. Pediu então ao chefe da escolta: Ajuda-me tu a subir, que eu depois descerei por mim!

Enfim, temos a última ironia para o carrasco: «Coragem, meu valente! Não tenhas medo de cumprir o teu ofício. E não me dês com o machado de través. Disso depende o teu prestígio!

Como tantos escritores e santos da Idade Média, também ele, homem da Renascença, ansiava por uma reforma da Igreja, uma reforma que nada tinha a ver com a heresia. Reforma na vida religiosa, pois havia na Inglaterra frades e monges sem vocação, pensava ele. E no entanto, Tomás Moro gostava de viver com os cartuxos e seguiu nesse tempo as rezas e a vida austera que eles levavam. Talvez fossem os cartuxos que o ensinaram a beber sempre cerveja com água, sem deixar de sorrir. Quem não compreender a sua atitude ao mesmo tempo crítica e ortodoxa, amiga das ordens religiosas e inimiga de frades ou monges mal comportados, nada entenderá de Tomás Moro, nem de Gil Vicente ou da rainha-viúva Dona Leonor que tanto gostava dos autos vicentinos e vivia como uma freira. E também nada entenderá de Sebastião Brandt e da sua *Barca dos Loucos*, nem de Jerónimo Bosch († 1516) e o seu *Carro de Feno*. E menos ainda compreenderá a *Barca dos Malucos*, todos mais ou menos bêbados, com uma freira a tocar guitarra e um frade de nariz vermelho a cantar.

A desconcentração de Tomás Moro não lhe vinha só da Idade Média, cujas águas corriam ainda ao longo da Renascença. O humor estava-lhe na massa do sangue. Com efeito, vemo-lo sempre o mesmo, desde os 10 anos, pelo menos. Era então pagem do cardeal Morton,

homem de vistas largas e que depois ouvimos dialogar, na *Utopia*, com o português Rafael, «narrador de histórias fantásticas». A educação, naquele tempo, era menos livresca do que hoje em dia e foi Morton quem desenvolveu, em Moro, a arte de conversar com leveza, profundidade e graça. E foi também na casa do cardeal Morton que o seu temperamento de actor e, até, de dramaturgo, começou a revelar-se. O capelão do cardeal gostava muito das comédias sentimentais italianas e escreveu mesmo algumas peças no género, interlúdios e *diálogos* para os pagens representarem, sobretudo por ocasião do Natal. Era então que o pequeno Tomás Moro representava no palco um papel que ele inventava à pressa — e o efeito era com frequência melhor do que o do texto decorado pelos actores. Um século mais tarde, Tomás Moro podia fazer boa figura no teatro de Isabel I da Inglaterra, dizem. Em Lincoln's Inn, onde se formava no «ilogismo do direito inglês», os estudantes elegeram-no várias vezes, para organizar as festas do colégio universitário. E foi este feitio folgazão, este instinto da alegria e do humor que o levaram a defender, na Flandres, Erasmo e o seu *Elogio da Loucura*. É bom glorificar a Razão. Mas quem aguenta o mundo é a Loucura, pensava Erasmo. E na Loucura metia ele muita coisa boa e arracional, como o amor extraordinário das mulheres pelas crianças recém-nascidas. Se as nossas mães vissem como nós éramos feios, não teriam tanto gosto em nos criar, observa ele. E é verdade. Viva, pois, a Loucura, pensamos nós, porque dela vem o impulso enorme que atira o homem para a frente e o faz descobrir a América, por exemplo. Nos barcos de Fernão de Magalhães, partiram 265 homens. Três anos depois, chegaram a Espanha 18 marinheiros às ordens de Sebastião Elcano. Nada mais. O resto ficara pelo caminho à volta do mundo. Sem esta Loucura, quem seria hoje Fernão de Magalhães e a história do mundo feito um? Erasmo, aqui, tinha a alma toda de Fernando Pessoa, ao falar de D. Sebastião:

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem loucura o que é o homem
Mais que a Besta sadia,
Cadáver adiado que procria?

Moriae Encomion, eis um bom trocadilho em que entrava, quase, o nome de Morus, como se dissesse *Elogio de Moro*. Dois homens

tão diferentes, unia-os um ponto comum: o gosto da ironia leve, em conversas inteligentes. E uniu-os também o triunfo inesperado ganho pela fantasia de ambos, no *Elogio da Loucura* e na *Ilha da Utopia*. Eram dois livros a que eles davam pouca importância: Não exijo de vós, escrevia Erasmo, que me escuteis como num sermão. Basta-me a atenção que se dá «aos bobos, aos pantomineiros, aos palhaços e aos charlatães das praças públicas», avisava o autor do *Elogio da Loucura*.

Estamos, por conseguinte, em pleno Reino da Ironia, um país onde a sabedoria se disfarça risonhamente, com receio de machucar os outros ou de parecer pedante. Ora bem, Tomás Moro, dentro da mesma linha, ia escrever uma obra para a eternidade, sem dar por isso, uma obra lúdica, no começo, mas que depois tomaria seriedade na crítica da opressão dos camponeses da Inglaterra. E tão séria se tornou a obra, na segunda parte, que o autor mudou a ordem do que escrevera e colocou a segunda parte em primeiro lugar, deixando para diante a descrição da Ilha da Utopia. Aqui, nem sempre vemos claro se Tomás Moro está de acordo ou desacordo com as leis e costumes dessa república para os lados das Américas. E quando Rafael, o descobridor da Utopia, acabou de falar sobre a ilha, seus habitantes e leis, Tomás Moro sentiu que havia ali coisas um pouco absurdas. Mas como o narrador estava cansado, explica ele, e eu tinha receio de o contradizer, levei-o a comer, à espera doutra ocasião para tirar as minhas dúvidas: «Entretanto, apesar de não poder concordar em tudo com o dito Rafael, muito erudito e grande conhecedor das coisas humanas, não tenho dificuldade em confessar que há na República da Utopia bastantes coisas que eu desejaria ver nas nossas cidades». E com este sorridente final, Tomás Moro deixa-nos à espera das explicações nunca dadas por Rafael — e havia de esfregar as mãos, por se escapar dessa maçada. Só depois descreveu a gestação histórica da *Utopia*, fingindo que ouvira tudo da boca do português Rafael, em Antuérpia.

Américo Vespúcio († 1512) estivera em Lisboa e, pela relação das suas viagens, sabemos que arribou duas vezes às Américas, ao serviço del-rei D. Manuel. Tão em segredo que o nome dele, segundo os eruditos, não figura na Torre do Tombo! Ora bem, Tomás Moro conhecia a narração de tais viagens. Em 1515, diz ele, achava-se na Holanda, a tratar duma questão entre os comerciantes ingleses de lãs e os comerciantes de panos da Flandres. Notou a diferença entre as florescentes cidades holandesas e a precária

situação do povo inglês e, nas horas vagas, foi escrevendo a *Ilha da Utopia*, sob a influência exótica das páginas de Américo Vespúcio e acalentando, ao mesmo tempo, a ideia do «bom selvagem», mais tarde com tanta influência na literatura e na sociologia.

No ano seguinte e já na Inglaterra, segundo parece, surge o severo diálogo que passou para o primeiro lugar da obra e é nele que vamos fixar-nos. Estávamos nós em Bruges, escreve ele, e ainda não tínhamos chegado a acordo com os tecelões flamengos. Aproveitei o tempo para visitar Pedro Gil, de Antuérpia, rapaz sério, afável e alegre. Certo dia, ao sair da igreja, encontrei-o por acaso a falar animadamente «com um desconhecido de idade avançada, pele morena, barba crescida e a capa negligentemente traçada no ombro». Parecia um marinheiro, mas enganei-me. Chamava-se Rafael Hytlodeu, sabia grego e latim (mais grego do que latim, por gostar de filosofia) e acompanhara Américo Vespúcio em três das suas viagens. Contudo, não voltou da última. Com efeito, pediu para ficar num fortim, começou a percorrer as regiões em volta, cada vez mais longe, embarcou, descobriu terras novas e foi parar a Ceilão, donde embarcou para Calicut e dali para Lisboa.

Já se vê, Tomás Moro levou Rafael para casa e foi então que este lhe falou das viagens que fizera e de como estivera até na Inglaterra. Pedro Gil ficou varado e perguntou a Rafael Hytlodeu (ou narrador de histórias fantásticas) porque não punha o seu saber e a sua experiência ao serviço do Estado, ele que ensinara os marinheiros longínquos a guiar-se pela agulha magnética? Que não!, replicou o outro. Entre *servire* e *inservire* ia só a distância duma sílaba. Servir e ser escravo dos poderosos era quase o mesmo. Não está no meu feitiço!, acrescentou. Aliás, não ambicionava dinheiro nem riquezas. E depois de criticar a rotina dos governantes, começou a falar da miséria dos ingleses devorados por rebanhos de ovelhas. Certo dia, estava ele à mesa com o Cardeal Morton (que homem inteligente, aquele!) e certo sujeito declarou, todo satisfeito, que vira enforcar muitos ladrões, às vezes até 20 ladrões na mesma forca. Boa justiça, sim senhor!

Rafael não concordava em matar um homem por roubar qualquer quantia. Aliás, porque havia tantos ladrões? É que eles só tinham a escolher entre roubar e morrer de fome. Que trabalhem? E os mutilados das guerras? E os que buscam trabalho e não o acham? E os camponeses expulsos dos campos, para darem

lugar às ovelhas? E os criados dos fidalgos que os herdeiros atiram à rua? E as tropas licenciadas? Sobretudo, as ovelhas!

As ovelhas, dizia Rafael ao cardeal, as vossas meigas ovelhas tornaram-se «tão ferozes e tragadoras que até devoram os homens, despovoam, destroem e dão cabo dos campos, das casas e das cidades. Com efeito, em todos os lugares do reino onde a lã é mais fina e, por conseguinte, mais cara, os senhores, os cavaleiros e mesmo os santos abades dos mosteiros» não se contentam com as antigas rendas e benefícios. Nada fazem de útil e, ainda por cima, não deixam um pedaço de terra para cultivar. Fica tudo para as ovelhas pastarem. Derribam as casas, arruinam os povoados e, «se respeitam as igrejas, é sem dúvida porque servem de curral para as suas ovelhas». E assim desaparecem as casas e as terras de cultivo. Uma vez, por fraude. Outras vezes, por violência, ou obrigados a vendê-las por tuta-e-meia. Vemos emigrar homens, mulheres e crianças. Emigram sem saber para onde. Só fica um ou outro pastor, para uma terra cujo cultivo ocuparia muitos braços. Que querem então que eles façam? Roubam. E entretanto, as lãs ficam, não digo monopolizadas, mas *oligopolizadas*, nas mãos de alguns poucos.

O português Hytlodeu dava uma bela lição à Inglaterra. Mas tal português era simplesmente Tomás Moro, cristão e londrino de velha cepa — e conhecedor como poucos do comércio das lãs.

Também neste caso, temos a defesa dos pobres, tradicional na Idade Média. E tanto nesta sátira dos senhores de rebanhos como sobretudo na organização da República da Utopia, há algo que faz prever a *Cidade do Sol*, de Campanella. Só que nas ovelhas-devoradoras-de-homens, não há nenhuma fantasia. Era a realidade crua e sangrenta, nestas páginas sarcásticas de Tomás Moro.

Para acabar, resumamos um pouco: Tomás Moro transmitiu-nos a arte de sugerir coisas sérias, sem empolar a voz nem inchar o estilo, e isto é necessário porque estamos fartos de atitudes teatrais. Deixou-nos o exemplo de rir e sorrir, sobretudo de si mesmo. Não há sabedoria superior a esta, porque é uma forma de humildade. Teve a coragem de avançar no movimento renascentino, sem desprezar a Idade Média, antes conservando muito do seu espírito substancial, como quem sobe por uma escada e não despreza os degraus por que foi subindo. Ele nunca disse a *noite* da Idade Média, nem a noite de coisa nenhuma. Tudo, na história dos homens, tem um lado positivo. Para ele, a cultura estava acima

do dinheiro e da civilização. Um homem pode ser civilizado, ter dinheiro e ser um bárbaro incapaz de pensar por si. O coração dele permanecia aberto a toda a beleza, antiga ou moderna, a toda a verdade. E tinha uma qualidade exaltada pela Bíblia: «non impediás musicam». Devemos ter cautela com qualquer homem que não goste da música, porque pode ser um animal perigoso. Espírito versátil, no sentido inglês da palavra, Tomás Moro era capaz de escrever sobre a Paixão de Cristo e também era capaz de inventar à pressa um papel no palco ou escrever um romance para divertir o leitor — e acabar por tomar o romance a sério. Gostava da família, mas a família nem sempre o compreendeu. Achou absurdo que ele se deixasse matar por não jurar uma falsidade. A mulher dele, o bobo e até a linda Margarida queriam que ele continuasse a viver e nunca entenderam bem porque é que ele morria. Bastaria fingir. Mas ele nunca fingia, a não ser no teatro. E sozinho (ou quase) pensou direito e negou-se a permitir que a Inglaterra católica fosse absorvida pelo Estado-Moloque. Leigo até à medula, por amor da Inglaterra católica entregou a cabeça ao carrasco, sem discursos. No meio de tudo isto, havia o desejo duma mulher, como na morte de S. João Baptista. Eram bem diferentes, mas morreram da mesma maneira — sem grandes gestos, com um heroísmo tranquilo e sóbrio.

E para acabar, teve a amabilidade (talvez impossível, hoje em dia) de pôr um português a dar lições à Inglaterra. Talvez isto nos desperte a coragem de pensarmos por nós, para descobrir talvez utopias que virão a ser verdade.

MÁRIO MARTINS